

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1207	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	600	120	10 de Julho de 1912	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	600	120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	600	120		

CRONICA OCCIDENTAL

Estava algo embaraçado o cronista com sete alvacentos *linguados* de papel ante si para rabis-car com o que de mais interessante ocorreu nes-tes ultimos dez dias, eis que lhe cae, que nem sopa no mel, a representação das sufragistas por-tuguêsas ao parlamento, pedindo, é claro, o di-reito de votar.

A iniciativa da represen-tação partiu de A Liga Re-publicana das Mulheres Portuguezas, apresentando-se no parlamento um lu-zido grupo de damas e me-ninas, com as sr.ªs D. Ma-ria Veleda e D. Maria Cla-ra á frente, que foi rece-bido pelo deputado sr. Ri-beiro de Carvalho, ao qual foi lida a dita representa-ção, e por fim entregue nas mãos do presidente da Ca-mara sr. Aresta Branco.

Eis aqui um assunto di-gno de registo nesta cro-nica, para que, quando mais não seja, ficar arquivado, como, acaso, ficará nos ar-quivos da camara, muito ingratamente de compa-nhia com os milhares de projéctos e de representa-ções que lá jazem sob o pó dos seculos!

Ingratamente é o termo, se assim succeder, porque á mulher tudo se deve, desde que éla gera o homem em seu seio, — se as illustres feministas permitem esta velha rétorica em pleno se-culo xx — até que o mesmo homem lhe cae dos seus braços de esposa e de mãe de seus filhos — se é que as mesmas illustres feminis-tas não se vexam deste ar-caismo — no abismo da morte.

Ela é a sua companheira inseparavel e, neste caso, por que não o poderá acom-panhar na urna do sufragio, tanto mais quando se nota uma certa falencia no sexo forte?

Não resta duvida que o parlamento ha-de apreciar devidamente a representa-ção das mulheres portugue-sas, que não quizeram ficar atrás das suas irmans de In-glaterra, não mais heroicas do que as filhas de Portugal, desde Brites de Almeida, a celebre padeira de Aljubar-ota, até á Maria da Fonte

As mulheres portuguezas, na sua representa-ção reclamam o voto, não só para as que fõrem diplomadas com cursos superior, secundario ou especial, mas tambem para as que, sem essas habi-litações, tenham chegado á maioridade, e sejam professoras examinadas de instrução primaria, chefes de familia ou pertençam ás classes pro-dutoras, contribuindo com o seu trabalho para o desenvolvimento das artes, das industrias, etc.

Sobre esta ultima parte não ha que hesitar, como produtoras e contribuintes para o desenvol-

vimento das artes e das industrias, etc., enquanto não fizerem *grève* recusando-se obstinadamente á dita produção e contribuição.

Evidentemente a mulher tem em sua mão os destinos da humanidade, dando-lhe todo o desen-volvimento de que esta é suscetivel, ou restrin-gindo o á expressão mais simples, o que já vae acontecendo por muita parte, como por exemplo em França onde, no ultimo ano, se comprovou um decrescimento de 35.000 nascimentos.

E ainda ha quem se preocupe com os destinos do mundo se, afinal, está em tão pouco!

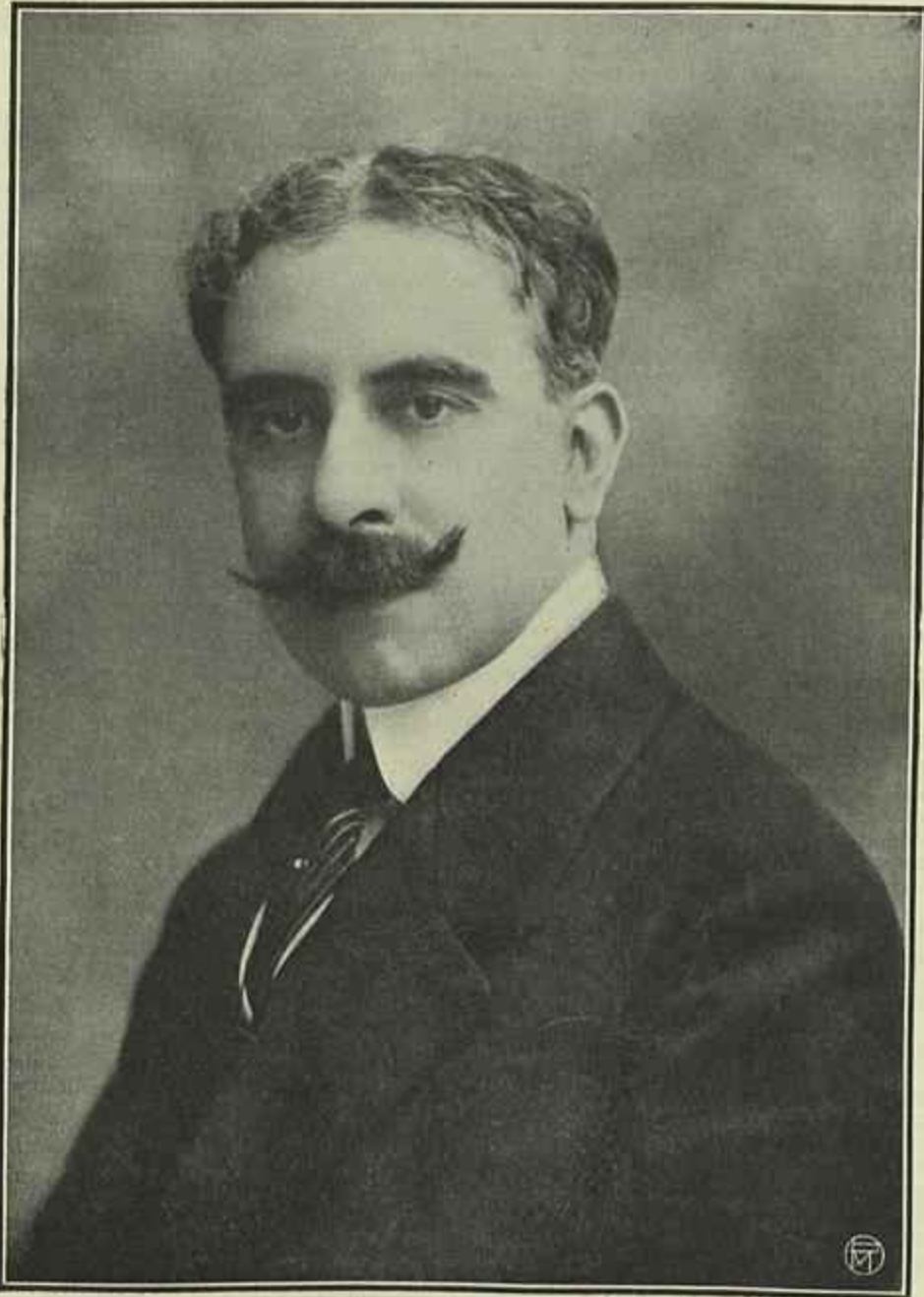
Ha que transigir, não resta duvida, com o belo sexo, mas com uma condi-ção, *sine qua non*: que éle continue a ser a cara me-tade do homem.

Sem isso é impossivel minhas senhoras; impossivel para v. ex.ªs mesmo, para não se verem na dura colisão de carrear pedra em vez de trazerem seus filhos ao colo; de construi-rem a casa, em vez de fa-zer a camisa; de brandir uma espada em lugar de pespontar com a agulha; de comerem o pão amassa-do com o suor do seu lindo rosto, em vez de o sabo-rearem amassado com o suor do galego padeiro, acaso, mais sucoso e odo-rifero, *shokingly*!

Depois, se o duro cora-ção do homem tanta vez lhe domina a razão, como ha de o flacido coração fi-minino resistir aos proprios impulsos que o atraem para a outra metade do seu ser.

Sob a supradita condi-ção a cronica está plena-mente de acordo que o par-lamento conceda a v. ex.ªs o voto, comtanto que éle seja tão consciencioso co-mo o que v. ex.ªs têm, e ninguem lhe contesta, so-bre o melhor caldo da fa-milia — com licença do sr. Ramalho Ortigão — sobre as melhores poesias do poeta... João Ferreira, ou sobre a ultima moda de Paris.

Com estes predicados, ex.ªs sufragistas, o vosso voto será completo, tendo só a dificuldade da escolha dos candidatos, que todos achareis incompetentes, principiando por este cro-nista, que vos parecerá li-songeiro, quando alias é sincerissimo e, tanto, que outro assunto não encon-trou, ao principiar esta cro-nica, do que o inaudito ges-to feminista da sua repre-sentação ao parlamento.



JULIO DANTAS

INSPECTOR DAS BIBLIOTECAS PUBLICAS

«... que lá no Minho
Da rija foice fez espada!

Mas estava escrito que a crónica teria de se ocupar de casos bem mais graves, que á ultima hora se haviam de dar, quando quase preenchidos os sete *linguados* de que dispõe.

O dia de domingo ia em pouco mais de meio. Sob um sol brilhante em céu azul a população de Lisboa movimentava-se despreocupada, uns dirigindo-se para os seus passeios domingueiros, outros para as touradas e muitos para o Coliseu dos Recreios, onde se celebrava a sessão inaugural do Centro Evolucionista, quando uma forte detonação se ouviu, como tiro de peça de grosso calibre repercutindo por toda a cidade. Sem que, infelizmente, seja coisa estranha, ha tempos para cá, o ouvirem-se detonações semelhantes, em Lisboa, desde que uma ou outra bomba se permite a distração de explodir por um ou outro recanto da cidade, o estrondo desta vez era maior, como efetivamente era maior a desgraça que produziu.

Num dos pontos mais altos de Lisboa, na chamada Costa do Castelo, dera-se uma explosão num predio de tres pavimentos além do terreo, que fizera voar pelos ares o telhado da casa, portas e janelas, reduzindo-o, em menos de um minuto, a um montão de ruínas, de que mal escaparam com vida os seus moradores, todos mais ou menos feridos, havendo só um morto. Este, Antonio Augusto da Cunha, farmaceutico, foi vítima da sua imprudencia e más intenções, pois estava fabricando bombas de dinamite, que não eram da sua farmacopéa para dar saúde e vida a ninguém.

Este Cunha respondera, em 4 de maio ultimo, no tribunal da Boa Hora, com audiencia de juri, junto com outros acusados, por fazer parte de um *complot* monarchico de Lisboa, com ramificação no Algarve, crime de que foi absolvido por maioria do juri e posto em liberdade.

Do uso que fez dessa liberdade foi elle vítima, sem por isso poupar aqueles que nada tinham com as suas paixões politicas.

Mas ainda Lisboa estava sob a dolorosa impressão deste acontecimento, quando á noite principiaram a circular boatos de alteração da ordem em algumas terras do norte do país.

Os boatos desta vez confirmavam-se. Os jornaes de segunda feira eram lidos com avidéz. Os conspiradores tinham realizado varias incursões no norte, sendo o nucleo mais numeroso, de 400 a 500 homens, comandados por Paiva Couceiro que pretendeu entrar por Montalegre, seguindo dali para Gralhas.

Em Valença, outro grupo numeroso, comandado pelo ex-tenente de marinha Vitor Sepulveda, passou a ponte internacional e atacou a estação obrigando a retirar dois guardas fiscaes, travando-se vivo tiroteio entre conspiradores e forças do governo, em que ficou ferido o capitão Lebre, retirando por fim em debandada os conspiradores, abandonando dois mortos, um dos quaes se supunha ser um sobrinho do sr. conde de Carcavelos.

No distrito de Viana do Castelo tinham sido cortadas todas as comunicações telegraficas, que pouco depois eram restabelecidas até Valença. O governador civil de Viana entregou o governo do distrito ao comandante militar, que logo providenciou. Os conspiradores haviam tentado destruir as pontes na linha do Minho, empregando dinamite mas com pouco resultado, compondo-se as avarias produzidas na de Caminha, Barrozelas e Trofa.

Em Braga haviam sido cortadas as linhas telegraficas, mas foram logo restabelecidas. A cidade foi entregue ao comando militar.

Em Celorico de Basto levantaram-se tumultos que foram dominados a breve trecho, realisando-se varias prisões.

Em Cabeceiras de Basto e subúrbios as populações levantaram-se e assassinaram o administrador.

Em Vinhaes houve tentativa de levantamento, mas sem effeito.

As noticias telegraficas succediam-se quasi sem interrupção.

As ultimas que chegam á hora de se concluir esta crónica dizem que em Chaves é que a luta se tem travado com mais vigor, sendo por fim derrotadas as forças de Couceiro, com grandes perdas de homens, material de guerra que deixaram no campo, entre elle uma peça de artilharia e duas metralhadoras, ficando prisioneiros alguns conspiradores incluindo o comandante D. João de Almeida.

Do que até agora se sabe, pôde concluir-se que é este um arranco decisivo dos conspiradores para liquidarem a situação, o que não deixará de custar sangue derramado de portuguezes numa luta fratrecida, que tinha de se dar mais

cedo ou mais tarde, visto o ponto a que as cousas chegaram.

E' este o sentimento geral e que ao mesmo tempo confrange o coração portuguez ferido no mais intimo de suas fibras ao vêr irmãos combater contra irmãos, quando todos se deviam unir para o engrandecimento da patria.

E aqui está como esta crónica, principiando alegre, acaba triste.

CAETANO ALBERTO.

Julio Dantas

Por estes doloridos tempos que decorrem, é nos compensadôramente grato apresentar ante os nossos leitores, rendendo-lhes respeitosa homenagem, a figura correcta e grave de Julio Dantas.

A bellissima fotografia que obtivemos e gravamos em a nossa Revista bem nos expressiona as feições cataterísticas da sua fisionomia mental. No olhar, fulge-lhe o amor sagrado da Beleza, debruça-se quasi hilariante o amor divino da sua Arte.

Mas — fitando-o bem — extranhamente e inexplicavelmente, distinguimos no seu olhar uma nuança vaga de seriedade que nos impressiona e nos diz que o sonho, por mais tentadôr e aliciadôr, não apreguiça ao artista o caracter em desleixos de conduta, e não enevôa ao seu espirito a visão nitida do fim para que tende. Ha certa graça na correção.

Ha curva sonhante na sua recta austeridade. Harmonisa-se e funde-se no sonho a noção tragica da vida.

Occulta-se discretamente vida numa certa attitudine funebre.

Julio Dantas, é bem, no nosso meio insignificante e mesquinho, uma individualidade que á nossa consideração se impõe, pelo seu saber, pelo seu talento, pela sua energia, pelas suas qualidades de trabalhadôr infatigavel e pela sua conduta sempre irrepreensivelmente honesta.

A sua carreira literaria tem sido brillantissima.

Desde a publicação do seu livro de versos intitulado — *Nada* — onde arrojado e curioso, como poeta, se refestelava, numa orgia lirica, com inteiriçados cadáveres, que, como medico, bisturizava, até á representação da sua peça dramatica, convulsionada e forte — *Santa Inquisição* — Julio Dantas tem-se afirmado mais e mais e assim, consequentemente, aqui e ali, tem sido, ora justamente apreciado e lisongeado, ora desfavorecido e caninamente mordido.

Todavia, apesar dos seus irreconciliados adversarios, o seu merito é incontestavel, sufficientemente galordado pelos seus amigos que tanto o admiram e pelos seus discipulos, no Conservatorio, que filialmente o admiram e estimam.

Se quizessemos demonstrar aos nossos leitores, que disse ao certo não necessitam, quanto a sua energia é firme e inquebrantavel, quanto o amor á sua terra e á sua arte, paira muito além das pequeninas mesquinhezias ambientes, bastar-nos-ia apontar os indefessos esforços que tem empregado resolutamente para elevar o nosso teatro numa expressão superior e genuinamente nacional.

O seu espirito de eleição engolfa se gostosamente, dilue-se e perde-se no nosso fundo nacional de poesia e lendas já empoeiradas misteriosamente e discretamente pelo tempo.

E tanto assim que nós, por vezes, ao lermos varios dos seus deliciosos versos, temos a grata impressão de que admiramos ricas iluminuras, polvilhando de ouro, poeticas lendas, á margem das folhas apergaminhadas, em livros antigos.

Julgamos divisar finos arabescos de fantasia caprichosa emoldurando, fisionomias iluminadas de anciedade mistica em relevo nitido surgindo e, em baixo, flôres esparsas, atapetando, e, ao alto, longes vãos de luz morrente.

E tudo isto disposto duma forma exquisita e surpreendente, num relevo de colorido inapagavel...

E' talvez esta convivencia frequente, afervorada de amor constante ás sombras do passado que a sua arte, com poder magico, evoca e resuscita, que imprime á sua attitude de artista, uns modos de fidalguia antiga e uns gestos falantes de serenidade e correção. Mas isto de maneira nenhuma o prejudica, como homem e artista do nosso tempo. Se por vezes vai beber na fonte longinqua do passada a inspiração para as suas obras, Julio Dantas é, sempre, como literato, evocadôr, sim, mas orientado por uns processos te-

cnicos novos e pessoais, e, como homem, correto e afavel, sim, mas energico e calculado, proseguindo no seu caminho, sem atropelar quemquer que seja, desassombrado e tranquilo.

E é porque Julio Dantas congrega em si em pura combinação estas notaveis qualidades, que nós rejubilámos ao vêr no *Diario do Governo* um decreto nomeando-o inspector das Bibliotecas Publicas.

E' agora sem duvida, devido á sua acção efficaç, que a nossa Biblioteca Nacional, dignamente se transformará num templo de silencio e meditação, da sala desordenada de folgança, parelagem, e fumo que nos ultimos tempos tem sido. A sua firme energia e severidade que bem empregadas serão, hão de incutir nos subalternos correção e actividade.

E se isto quizer e conseguir — será mais um beneficio que todos nós penhorados recordaremos — tão raro é por estes tempos dubios o cumprimento dum dever moral, ainda o mais imperioso — nós que algum carinho e respeito dedicamos a essas sombras palidas, errantes nos velhos claustros, envoltos na poeira das estantes, desses que merreram, em sacrificio, religiosamente, sobre a ara sacrosanta do Espirito.

A. C.

Lourenço Marques

(Continuado do numero antecedente)

Não pretendo nem quero avaliar a Convenção assignada nem os intuitos mais ou menos partidarios dos politicos. A situação actual de Lourenço Marques, sob o ponto de vista do seu porto, está definida nas seguintes linhas do relatório do antigo ministro Antonio Cabral, datado de 21 de abril:

«O verdadeiro centro do movimento commercial da provincia de Moçambique é Lourenço Marques. E' principalmente por elle que se faz o trafego de transito, que caracteriza o movimento commercial da provincia. E' muito interessante verificar pelos indicadores estatisticos como o movimento de Lourenço Marques tem progredido desde 1900 até 1908:

Annos	Transito	Movimento geral
1900.	2:255	18:662
1901.	3:164	8:257
1902.	7:661	13:650
1903.	16:793	24:854
1904.	14:464	23:342
1905.	20:392	29:915
1906.	20:920	33:427
1907.	18:528	28:023
1908.	20:237	30:800

No mencionado relatório, lê se que: «O caminho de ferro de Lourenço Marques tem 89 kilometros, até á fronteira, e está em completa exploração.»

Em 1907, a sua receita foi de 1.091:702\$431 e a despeza de 687:872\$877 réis.

«Quem seguir a sua evolução economica, dizia Gomes dos Santos (*As nossas colonias*), em 1903, admira se dos progressos realisados e prevê logo um futuro cheio de exito áquelle grande emporio commercial.

Lourenço Marques era, ha pouco mais de vinte annos, um simples presidio apenas, inferior á mais modesta aldeia das nossas provincias. Um fortim arruinado, duas feitorias francezas, uma igreja, e meia duzia de barracas de madeira, pertencentes aos pretos, constituíam, então, toda a cidade futura.

O commercio era limitado, as relações restrictas, o trafego pequeno, a frequencia maritima insignificante:»

No volume *A Inglaterra, Portugal e suas colonias*, por José d'Árriaga, e dado á estampa em 1882, sustentava o conhecido escriptor:

«A villa de Lourenço Marques apresenta hoje um aspecto bonito e agradável.

Tem ruas largas e alinhadas, muitas casas de alvenaria, outras de pedra e barro com seus terraços e poucas de madeira.

Ultimamente, a expedição de obras publicas fez importantes construcções, sobresaindo um hospital e uma igreja elegante.

De anno para anno, nota-se notavel desenvolvimento de casas; e é de esperar que, em muito breve tempo, se transforme n'uma das cidades mais importantes da Africa.

A sua população portugueza, que em 1862 era 1.081, já em 1872 tinha augmentado a 2.670 habitantes.

Importa, n'esta altura, inserir alguns elementos historicos sobre Lourenço Marques.

E' do bello estudo que lhe consagrou, em 1897, a penna erudita do finado general Camara Leme, que vou recortar a pagina elucidativa, n'esse ponto, da nossa justa curiosidade:

«Lourenço Marques, Bahía da Lagôa ou Bahía Formosa, embora estas duas ultimas designações sejam menos conhecidas hoje do que aquella com que os inglezes a baptisaram — *Delagoa bay* — é actualmente a preciosa perola da corôa portugueza que em geral os governos de S. M. F. zelam com pouquissimo tacto politico, que os estrangeiros nos cubiçam com intensidade sempre crescente, e sobre que se teem tecido as mais negras prophcias, infelizmente baseadas na incuria e no medo á Inglaterra; estes são os caracteres constitutivos da nossa malfadada administração publica. Foi seu descobridor (1544) — o nome o está indicando — o portuguez Lourenço Marques, descobrimento comunicado jubilosamente ao rei D. João 3.º por D. João de Castro. O mesmo monarcha, dois annos mais tarde, mandava reconhecer os tres rios que desaguam n'essa bahía e assentar feitoria e fortificação na margem direita do rio Espirito Santo, e assim se firmou o dominio portuguez n'aquellas paragens; consolidou o loga a exploração commercial feita pelo proprio descobridor e Antonio Caldeira, com outros estabelecimentos nas ilhas de Inhaca e dos Elephantes. O resgate do marfim constituia então o principal commercio que podiamos explorar n'aquellas regiões; e o marfim foi sempre o principal ramo do commercio, pois ainda em 1852 calculava-se em 1:600 arrobas o que ia annualmente para Moçambique.

Com as idéas do tempo, é claro que o commercio de Lourenço Marques, como em toda a Africa, era, e nem podia deixar de ser, monopolio do estado sob diversas formas.

Esse commercio só foi declarado livre para os nacionaes por alvará de 10 de junho de 1755, e para os estrangeiros por decreto de 17 de outubro de 1853.

Encarando geographicamente a area territorial dominada por Lourenço Marques, tenho presente este depoimento, que vou extrahir da 1.ª conferencia de Eduardo de Noronha, na Sociedade de Geographia, em 2 de dezembro de 1895:

«Lourenço Marques é o districto que fica mais ao sul da provincia de Moçambique. E' limitado ao norte pela confluencia do rio Pafuri com o Limpopo, ao sul pela linha que passa pela intersecção do rio Pongolo com o Maputo, a sudoeste e leste pelo oceano Indico e Limpopo, a oeste pela fronteira que passa pela cumeada da cordilheira dos Lebombos.

A sua superficie é de 10:000 milhas quadradas approximadamente. Mede cêrca de 249 milhas de norte a sul e proximo de 84 de leste a oeste.

Fica a 24 horas de viagem por mar de Durban, a principal cidade da colonia ingleza de Natal; a dois dias de Port Elisabeth, porto por onde se faz a maior parte do commercio do Orange Free State, e a tres dias e meio, em viagem directa, da cidade do Cabo, capital da colonia do mesmo nome.

Tem por mais chegados vizinhos a oeste a Republica Sul Africana, mais vulgarmente chamada Transvaal e ao sul Natal, possessão britannica autonoma. A primeira tem sido até hoje um estado amigo; a segunda é debaixo do duplo ponto de vista, politico e commercial, uma rival.

Rectificado apenas, quanto á republica transvaaliana, o que os successos posteriores da guerra

entre boers e inglezes levaram a estabelecer debaixo do aspecto politico, e que foi a perda da independencia d'aquelle estado, accentuarei agora pela auctorizada penna do official de marinha, Hugo de Lacerda, o que são e o que valem a bahía e o porto de Lourenço Marques.

E' no seu folheto *O Porto de Lourenço Marques*, dado a lume em 1907, que se encontram as seguintes passagens:

«A bahía — Esta bahía, mais propriamente denominada da *Lagôa*, é sem duvida a mais importante de toda a Africa Oriental; n'ella poderiam, sem exagero, encontrar, simultaneamente, abrigo todas as esquadras do mundo; a ilha da Inhaca serve-lhe de natural quebra-mar á vaga que vem do quadrante de SE. — Mede a bahía 16 milhas na maior largura, a meio, e estende-se

estuario profundo, denominado do Espirito Santo, e que é, por assim dizer, o collector dos outros tres rios, Matola, Tembe e Umbeluzi.

E' n'este estuario, na margem esquerda e junto á foz, que assenta a cidade de Lourenço Marques, e onde se faz todo o grande movimento maritimo de carga e descarga. Mas, para se chegar a este porto, é preciso atravessar um extenso banco de lodo que, por assim dizer, barra a entrada do estuario e onde, na parte mais profunda, só pôdem passar, em baixamar de aguas vivas, navios com 17 pés de calado, quando muito, e nem sempre.

Importancia da bahía e porto — Muito mais do que as condições hydrographicas, é a posição geographica que, por assim dizer, valorisa esta bahía, a qual é o porto natural de uma extensa região transvaaliana, incluindo Johannesburg e Pretoria.

A bahía tem ainda um notavel valor strategico, de acção naval, e é natural viveiro de especies aquaticas comestiveis, e rica em mangal vermelho.

(Continúa.)

D. FRANCISCO DE NORONHA.



O automobilismo em Portugal

Sociedade Portuguesa de Automoveis,
sucessores The Anglo Portuguese Motor & Machinery
Company Ltd.

Em poucos anos adquiriu o automobilismo, em Portugal, notavel desenvolvimento que bem mostra quanto este país abraça o progresso na justa aspiração de pôr-se a par das nações mais adelantadas.

Foi por 1902 que, em Lisboa, appareceram os primeiros automoveis e não tardou que o seu uso se propagasse no país, especialmente depois do estabelecimento da Sociedade Portuguesa de Automoveis, em 1904.

A iniciativa desta sociedade partiu do sr. Carlos Bleck um dos mais distintos *sportmans*, que toda Lisboa conhece, como lhe aprecia o seu bellissimo caracter primoroso, de veras simpatico e insinuante aliado a uma grande atividade e espirito industrial, infelizmente, pouco vulgar no nosso meio.

Entusiasta propagandista do desporto nautico, a que desde muito novo se dedicou, tendo ganho os seus primeiros premios em Argenteuil e Milan, Cercle de la Voile de Paris, timonando ele proprio os seus *yachts*, *bul-kicks*, *Jeannette*, construção Seyler, tornou-se um dos *yachtsmen* mais notaveis no nosso meio desportivo, tomando parte ativa em varios *matches* e *handicaps*, de boa memoria, como tripulante amador do *Helene*, em que figuraram principalmente os *yachts* *Mina* de Henrique F. Moser e *Haleyon* de Emile Carzo.

A reconhecida competencia e distincção neste genero de desporto, indicou naturalmente o sr. Carlos Bleck para o cargo de Comodoro do Club Naval de Lisboa, para que foi eleito o ano passado, representando, sem duvida, esta eleição, o justo agradecimento pelos serviços que tem prestado ao desporto nautico.

Mas se, por esta parte, o sr. Carlos Bleck é credor da sociedade portugueza, não o é menos pelo que se lhe deve com relação ao automobilismo, que desenvolveu entre nós, desde que a sua iniciativa se fez sentir nesta industria.

De facto estabelecendo a Sociedade Portuguesa de Automoveis a sua *garage* na rua do Jardim do Regedor, pouco tempo depois adquiria esta sociedade um vasto terreno na nova rua Alexandre Herculano, onde fazia construir o magnifico *Auto Palace*, que hoje ali se vê, abrangendo a superficie de 2:200 metros quadrados.

No pavimento terreo encontram-se *boxes* para cada carro poder estar em compartimento reservado, além da *garage* geral para 200 automoveis, fossa de visita, grelhas para lavagem e todas as mais dependencias para *chauffeurs*, que os



CARLOS BLECK

DIRECTOR DELEGADO DA THE ANGLO PORTUGUESE MOTOR
& MACHINERY COMPANY LTD.

NS. em 45 milhas: o desenvolvimento de margens interiores, contando com as bacias de entrada dos rios, tem cerca de 140 milhas; a superficie molhada occupa uma área de cerca de 450 milhas quadradas.

A sua larga entrada, voltada a NE., tem muitos baixos e, na parte interior, principalmente ao sul, também os ha, quasi todos de arcia. Atendendo aos extensos canaes que existem entre os baixos, pôde-se dizer que toda a bahía é navegavel por grandes navios.

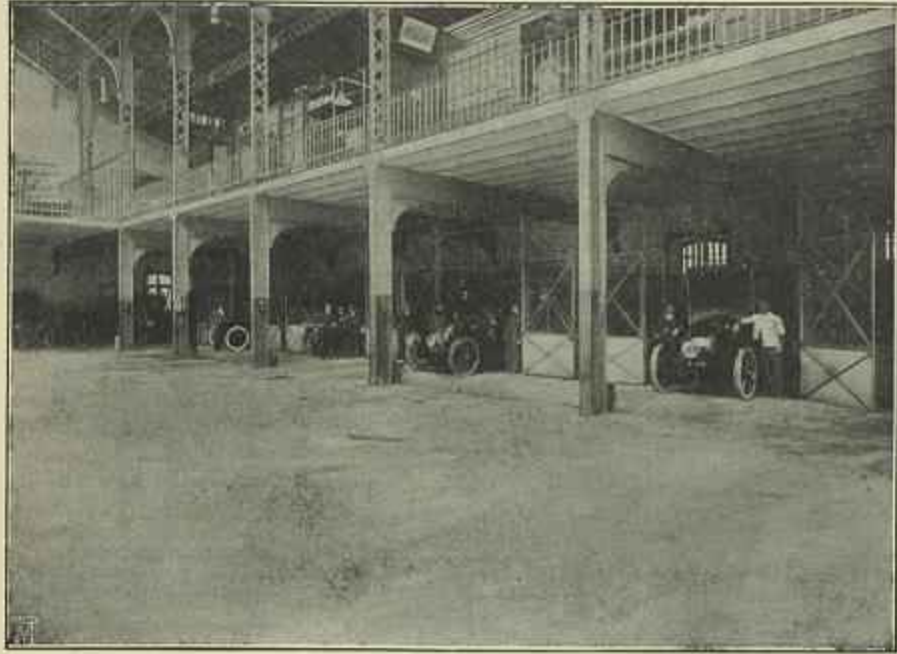
Os frequentes ventos do sul, não raro violentos, levantam mar que pôde incomodar ou mesmo pôr em perigo, embarcações pequenas, mas que não apresenta obstaculos aos grandes navios.

A bahía tem tres principaes entradas: ao norte, o canal do Cutefield, e proximo da Inhaca, o do centro (Hope) e o do sul (Cockburn): os caminhos por estas entradas vão convergir proxima-mente em uma posição, da qual se segue para o porto interior, ou por um mais directo caminho, mas não convenientemente balisado ainda, ou por outro mais seguido, o caminho pelas marcas.

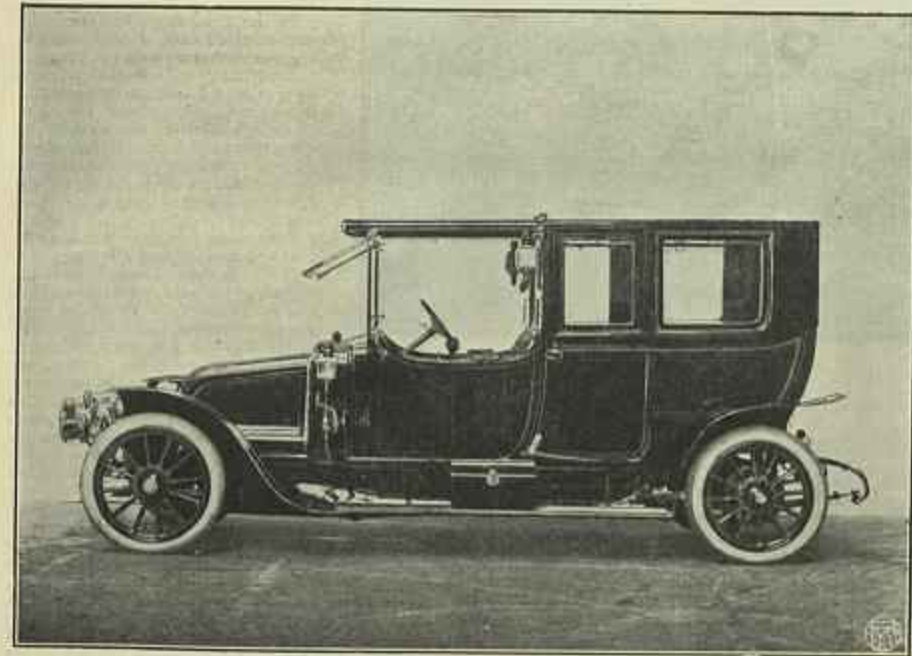
Porto interior — Rios — Desembocam n'esta bahía tres rios importantes; mais ao norte o Incomati, ao sul o Maputo, e ao centro abre-se o

O AUTOMOBILISMO EM PORTUGAL

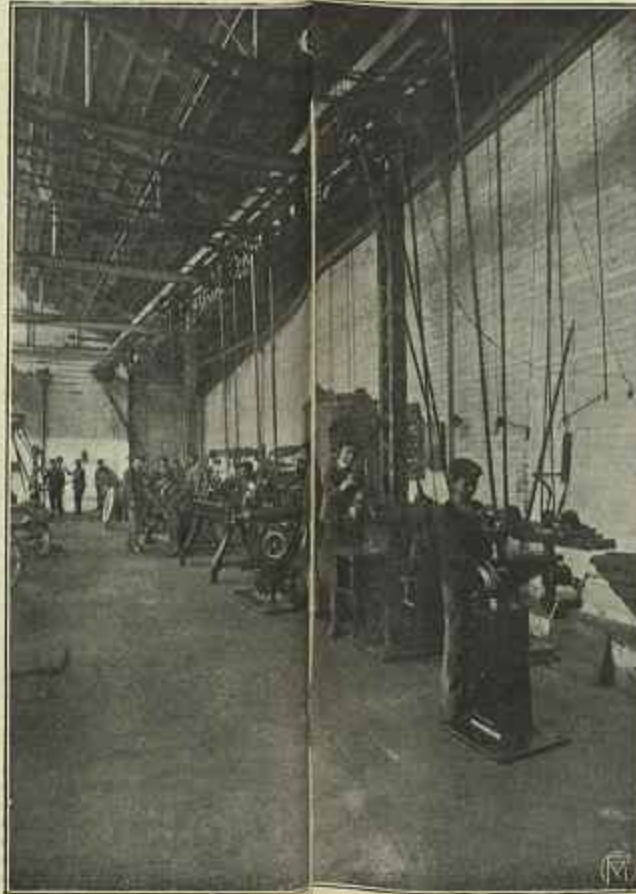
Sociedade Portuguesa de Automoveis, successores The Anglo Portuguese Motor & Machinery Company Ltd.



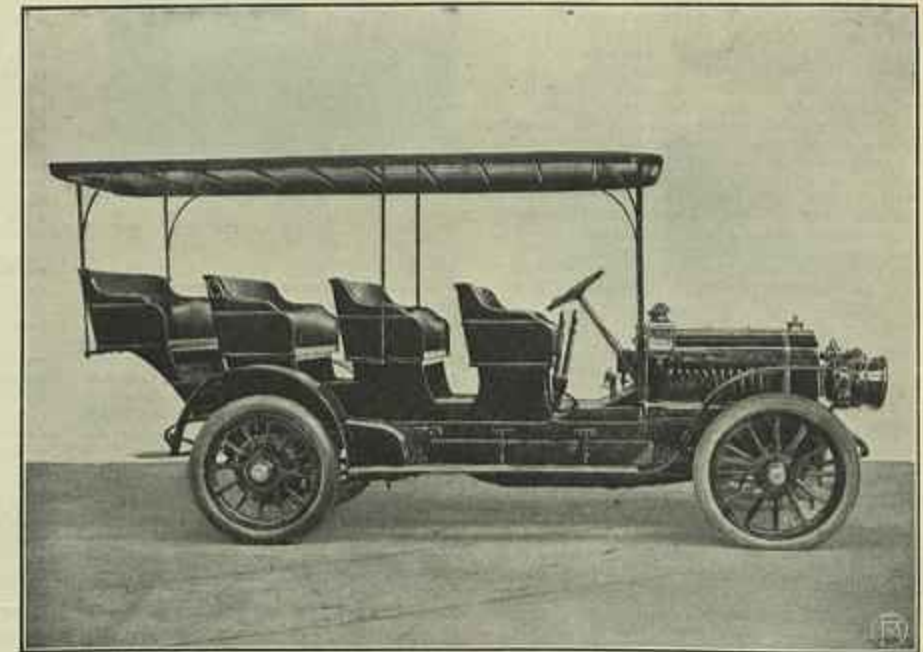
VISTA INTERIOR DA «GARAGE» UM ASPECTO DOS «BOXES» RESERVADOS — FACHADA PRINCIPAL DA «GARAGE» EDIFÍCIO ENTUBADO E CONSTRUÍDO E PROPRIEDADE DA SOCIEDADE. SUPERFÍCIE 2:200^{ms} — OFICINAS DE «CARROSSERIE». SECÇÃO DE FORJAS



LIMOUSINE TORPEDO Renault 20/30 H. P. FORNECIDO AO SR. DR. ANTONIO C. MACIEIRA «CARROSSERIE» CONSTRUÍDA NAS OFICINAS DA SOCIEDADE



OFICINAS MECANICAS — UM ASPECTO DA SECÇÃO DE MAQUINAS E FERRAMENTAS



«CHAR-A-BANCOS» BRASIER 16 H. P. «CARROSSERIE» CONSTRUÍDA NAS OFICINAS DA SOCIEDADE

ha sempre de dia e de noite prontos, e um armazem fóra do edificio, para deposito de gasolina, estando assim resalvada a *garage* do perigo de incendio.

No pavimento superior, sobre uma galeria de 10 metros de largura, encontram-se os escritorios, sala de leitura e armazens geraes, em que se incline um deposito de pneumaticos, camaras de ar e mais artigos de facil deterioração, perfeitamente garantidos, em casa de *corticite* afim de se conservarem sempre na mesma temperatura e serem fornecidos ao publico perfeitamente conservados.

Só o grande conhecimento desta industria podia permitir o atender-se a certas particularidades, como as que ficam apontadas, e são de grande garantia para o publico.

Mas se a grandiosidade desta *garage* não tem outra no país que se lhe compare, outro progresso ha que registrar, e é o das oficinas de reparação e construção de automoveis, bem como o de outras carruagens.

E, a nosso vêr, este o ponto mais importante a frisar, pois que importa, por assim dizer, a introdução em nosso país de uma nova industria, para que mais concorreu o sr. Carlos Bleck.

Visitando essas oficinas vimos a complexidade dos trabalhos que ali se fazem, desde o aparelho das madeiras, armação das *carrosseries*, fabricação de todas as ferragens para as mesmas, estofamento, pintura, envernizamento e decoração, fabricando inteiramente carros de diferentes tipos, desde as carruagens mais luxuosas, *char-a-bancs*, *phaetons*, *victorias*, carros para entregas de encomendas, toda a especie de viaturas até ás de transporte de carga.

Tudo isto se construe nestas oficinas, exceto os *chassis*, que recebe dos fabricantes estrangeiros das melhores marcas, como Renault, Brasier, Dion Bouton, Dietrich, Isotta Fraschini.

Nestes trabalhos se empregam cerca de 200 operarios, o que é importante numa industria nova entre nós.

Ali vimos em construção grande variedade de *carrosseries* e entre elas uma esplendida carruagem para sua ex.^a o Presidente da Republica.

A perfeição das *carrosseries* fabricadas, tanto pela sua construção como pelo seu aspecto geral e acabamento, tem sido apreciada por peritos independentes, como equal, senão superior as melhores de fabricação estrangeira, e a prova está na preferencia que o publico lhes dá, chegando mesmo estas oficinas a satisfazerem encomendas de *carrosseries*, quer abertas quer fechadas, para o estrangeiro, o que dispensa de mais comentarios.

Hoje, no *Auto-Palace* da Sociedade Portuguesa de Automoveis, o publico encontra, além de toda a especie de automoveis, todos os pertences para os mesmos, nas melhores condições, assim como barcos a gasolina para transporte de passageiros, passeios e corridas, e, ainda, hidroplanos.

A actual sucessora da Sociedade Portuguesa de Automoveis, The Anglo Portuguese Motor & Machinery Company Ltd., tendo por presidente o sr. Frederico W. Kerr, de Londres, e por directores delegados os srs. Carlos Bleck e Rodrigo Peixoto, representa um capital de algumas centenas de contos, que lhes permite o extraordinario desenvolvimento que tem dado a esta industria.

Como dissémos, na sua *garage* encontra-se sempre um numero consideravel de automoveis prontos com *chassis* das melhores marcas.

Por este facto a Sociedade Portuguesa de Automoveis teve occasião de prestar um grande auxilio aos serviços do correio, quando da *grève* dos ferro viarios, cedendo muito especialmente á Direcção Geral dos Correios e Telegraphos, vinte automoveis que, durante quatro dias, transportaram malas a diferentes pontos do país, evitando deste modo os grandes transtornos que teria de sofrer o publico com a falta ou atraso de correspondencias, tendo se realiado todo o serviço sem o menor incidente, o que prova de modo frisante a grande utilidade do automobilismo sempre que se empreguem boas maquinas, bem providas as viaturas dos seus pretenses em perfeitas condições de resistencia.

E' certo que muitos dos desarranjos que sucedem nos automoveis, em andamento, são na maioria consequencia, ou de maquinas menos perfeitas e resistentes, ou da falta de uma rigorosa revisão em todos os pertences sempre que se emprende viagem; de resto o automobilismo é hoje um transporte mais rapido do que a locomotiva, e pronto a toda e qualquer hora que se queira.

São estas incontestaveis vantagens que o tem propagado em todo o mundo, como se tem propagado em nosso país, tanto mais com o incremento que a Sociedade Portuguesa de Automoveis lhe tem dado, fornecendo e facilitando ao publico a aquisição dos melhores *chassis* em *carrosseries* de todo o genero que, quando outros merecimentos não tivessem, lhes bastava o serem de fabrico nacional, alimentando uma industria que, até ha pouco, não existia entre nós e hoje é já importante.



Fráude inaudita!

Era extraordinário o reboliço na plataforma da estaçãozinha de Writtlebury, do condado de Essex, aonde afluam os acirrados *diletantes* das regatas, numa tarde soturna do mês de agosto.

Dava-se isto num sábado, e uns magotes de sujeitos, com os respectivos trajos de flanela, ali se congregavam a receber os amigos e conhecidos, foragidos do pó e do calor da capital, afim de gosarem o seu feriado.

Entre os circunstantes distinguia-se sir Tomás Márney, môço á beira de trintar, delgado, loiraço, de cachimbo na bôca e com um cachorrinho rateiro, á *lâtere*.

O seu iate veleiro, a *Bujiganga*, lá estava, no rio, e êle, próprio, á espera de um amigo, da cidade.

O joven *sportsman* era como que o caudillo daqueles festêjos náuticos, já pela sua posição social, já porque a irman, miss Délia Marney, era, por acôrdo unânime, a beldade do condado. O cabelo, que no irmão atirava para a côr da estôpa, ostentava, na joven, o tom do ouro; e, ao passo que os olhos azues de sir Tomás nada apresentavam de notável, os de miss Délia eram declarados «divinos».

Além de sir Tomás, viam-se, na platafôrma,

para aí, uma duzia de môços trajando do mesmo modo, e ainda mais dois sujeitos, em idénticas condições, mas que, em certa maneira, dir-se-ia acharem-se muito menos á vontade com as camisolas e cuécas, brancas, do que os restantes, constituindo o magote.

Pareciam não conhecer ali péssôa alguma; e os outros, que, pelo menos, todos se conheciam de vista, a mirarem-n'os, de sorrate, perplexos quanto á sua identidade.

Deu sinal o comboio, movimento de espectativa no grupo; os dois sujeitos, que ninguém conhecia de vista, apartaram-se, e os olhos dos circunstantes fitos no pontinho escuro, a aumentar gradualmente, á proporção que o comboio vinha deslizando, e se escoava pela estação terminal da linha de entroncamento.

Os dois incógnitos, a devassarem, com uns olhos afuadores, a cada compartimento dos vagoes, e de subito, justamente no acto em que os passageiros saltavam para a plataforma, permutando saudações com os amigos, eis se ouve um clamôr de alarma, e os dois advênas despedem como raios através da linha, um dêles enfia por um compartimento do comboio e o outro, atrás dêle, a berrar:

— Agarra! agarra! Acudam!

Deu-se uma zoeira, um murmurio, uma pausa de espanto. Depois um grito agudo vindo de um portal, onde estava espécado um rapazito, de pernas escanchadas.



— Ele aí vai! Deitou a correr para o rio!

— Ele ahí vae! Deitou a correr para o rio!

Neste meio tempo, o clamôr encontrara êco, e uns dôze hômens e rapazes desfechavam na trela de um pontinho fugidio — já sumido-se já reaparecendo, e em seguida, voltando a diferenciar-se, vágamente, na ténue nebrina, que vinha subindo do rio para uma franja de arbustos e de arvoredos, que vestia por forma irregular a praia orlada de lôdo — e furtando-se de todo, finalmente, aos seus perseguidores.

Sir Tomás fôí dos poucos que não tomaram parte, quer na algazarra quer na perseguição. Trocara, de corrida, meia duzia de palavras com um dos dois indivíduos, que toda a gente sabia serem detectives, expedidos, de atalaia, á espera do delinquente, e depois, acolhendo os ômbros, lá fôí calcurriando para fora da estação, com o amigo a quem viera esperar.

Este, era um sujeito baixo, macilento, de ademanos lânguidos e voz sêca, aparentando mais dez ânos do que contava, efectivamente.

— Pobre diabo! exclamou sir Tomás, ao subirem para o carro e ao indicar ao cocheiro a paragem respectiva. — E a malta em peso a dar-lhe caça, nem que êle fôsse uma rata ou uma lontra! Espero em Deus que conseguirá safar-se, e digo-o do coração!

Wilfred Legrand, que assim se chamava o amigo, era de opinião contrária. Passara dez ânos, dos melhores da vida, na India, e um viver solitário, incidindo com a ardência climatérica, tinham-lhe affectado o figado, ou o génio, ou, quiçá, uma e outra coisa.

— Não percebo porque é que êle hade sêr alvo de compaixão, pelo facto, justamente, de lhe andar na côca a policia, e êle tratar de se escapu-

— declarou, com bastante justiça. — Mas se isto agora é moda, o tal sentimentalismo doentio, simpatiza-se com o criminoso contra o poder da lei e da ordem.

— Cautéla! Se entras para aí a prégár moral e a encarar a vida por semelhante prisma, estás arranjado, com a Délia, — advertiu sir Tomás, preventivamente. — E sabes que o meu voto mais ardente, é que tu e ela se congrassem. Esquece-te dela, supôño eu; mal prefex ainda os vinte ânos, e quando abalaste para a India, ainda andaria de fatos curtos. Mas, de minha mãe, lembrar-te-ás, com certeza?

— De lady Márney? Pudéra não! Veiu com vocês?

— E' claro que veiu. Veiu para olhar pela Délia. Ela, coitada, que detesta o embarcar! Se não fôsses os intervalos, em terra, estou em dizer, até, que era capaz de se atirar ao rio, para acabar, de uma vez, com a maçada!

Achavam-se já á vista do cáis, com uma extensão plana de estrada através do paúl circumjacente. A sir Tomás voltava a carregar-se-lhe o parecêr, ao frentear-se-lhe a enorme aglomeração de gente, acumulada, agora, quer na praia quer em barquinhos, que coalhavam o rio, por assim dizer.

Indagou e soube que o indivíduo, de quem andavam em busca, era o célebre promotôr de uma companhia de exploração, um tal David Bergstein, que se tornara conspicuo, recentemente, por motivo de uma série de transacções fraudulentas, realizadas, porém, com tão consumada habilidade, que, durante muito tempo, quasi que se tinha como certo que escaparia á garra da justiça.

Tinha baixado, porém, ordem de prisão, naquêle próprio dia, e, pelo visto, o tal Bergstein farejara o que o esperava, porquanto, ao apresentarem-se na sua sumptuosa residência, os agentes policiaes, expedidos a efectuar a captura, bateram com as ventas na porta.

Como se soubesse que era dôno de um iate, grande, a vapôr, cujo paradeiro era ignorado, presentemente, supuseram haver probabilidade em êle tentar safar-se por semelhante meio, e por consequência, todo e qualquer sitio azado estava sendo vigiado por detectives, dois dos quais haviam sido mandados para Writtlebury, e tinham, indubitavelmente, lobrigado o sujeito.

O que fôra feito dêle, contudo, ninguém o sabia, as sugestões mais acertes, sendo, ou que se houvesse afogado, ou alcançado a nado a margem oposta do rio, ou que se escondesse a bordo de qualquer dos iates, ancorados. Tanto o rio como a praia estavam a abarrotar com a multidão anciosa, não faltando quem andasse azafamado na busca do delinquente; e, todavia, uma importante secção da congêrie mais se interessava em vêr de relance a formosa miss Márney, e em remar em volta da *Bujiganga*, do que em outra qualquer coisa, mais prática.

A' proporção que fôí escurecendo, e a luz retirando, já da praia já do rio, fôí abatendo a excitação da caça, as embarcações voltando ao ancoradouro, e a chusma desaparecendo das margens.

A formosa Délia, pensativa e taciturna, enquanto durara o incidente, e cujo acolhimento dispensado ao velho amigo do irmão padecera, quanto a cordealidade, permanecera na tolda, com a mãe, declinando a sugestão de desembarcarem para ir jantar ao Lião Vermelho, o qual, a despeito do titulo corriqueiro, éra o principal hotel de Writtlebury, e muito bom, por sinal.

Sir Tomás agastara-se com êla, por motivo da rejeição, não menos pela ausência de interesse, manifestado para com o seu velho amigo e companheiro de universidade, que tencionava propor-lhe como marido.

Nessa conformidade, estimou, até, safar-se do iate com o amigo, dizendo, lá com sigo, que, «miss Lindeza, assim que se visse desprezada, não tardaria em cair em si, mostrando-se mais afável».

Remaram, pois, para terra os dois companheiros, na lancha, jantaram no Lião Vermelho, e depois, agregaram-se aos mirones, que estavam discutindo o grande acontecimento do dia, na ampla varanda do estabelecimento.

A excitação, produzida pela fuga e perseguição do insigne David Bergstein, déra motivo a afluirem ao hotel numero insólito de visitantes, em vez do reduzido grupo de *sportsmen* náuticos, conhecidos uns de outros, de vista, e até de nome, mercê de encontro constante, nas vizinhanças.

Sir Tomás, segundo o costume, presidia á palestra, e produziu como que uma «sensação» adrogando, com mais insistência, do que até ali, a cãusa do fraudulento promotôr de companhias,

contra o qual as línguas dos circunstantes se esgrimiam com renitência.

Tanto aquêles que o conheciam como os que lhe eram estranhos voltavam a cabeça, a olhar, estupefactos, para o tão ousado defensor de uma causa perdida.

— Ora vamos, vamos, Márney, estás para aí a falar, — protestava o amigo Legrand; — mas não tomas a sério a quanto acabas de afirmar. Deu-te para te colocares em opposição com as opiniões de toda a gente, com o sentido em apimentar a discussão.

Sir Tomás voltou-se para êle, espevitado.

— Digo e sustento o que digo: e é minha opinião convicta, — retorquiu. — Vejâmos! Esse tal individuo, esse Bergstein não dava os melhores jantares, lá em Londres? E a gente mais graúda, de Londres, não acudia a êles?

— De acôrdo, mas isso fôí antes...

— Antes de lhe dêrem ordem de prisão? Sim, bem sei; mas não antes de saber toda a gente que casta de jógo êle andava jogando, e esperanças em apanharem o seu quinhão no saque. E escúsam de me vir para cá com cantigas, com essa sorna da patifaria das especulações, sindicatos e companhias de exploração do próximo, etc., e tal! Como se não estivessem fartos de saber, que hómens de posição, de categoria, se empenharam em conhecê-lo, e em se valer dêle, quando estava no galarim. E para mim, não ha nada que me cause mais asco do que êste virtuoso horror, agora que o vêem por terra.

— Mas nem fôram as explorações, nem a tal indrómia da formação de companhias o que escandalizou a opinião — entremeteu um rapaz, com brandura.

— Fôí o descobrirem-se-lhe as manivérsias, e a desonestidade das mesmas, que fez que lhe voltassem as costas.

— Não fôí tal, repito, — acudiu sir Tomás, com firmeza. — Toda a gente sabe, e mais que sabe, das tricas solapadas, vergonhosas, de que se valem êsses tais financeiros, mas enquanto as coisas lhes correm bem, ninguém se importa com isso. Nem que êle fosse o primeiro! Todos êles se servem das mesmas pantominices, e êsses indivíduos, que ganham dinheiro á sombra dêles, enquanto êles estão na baila, sabem-no tão bem como toda a gente — mas guardam a recta — indignação, até que a comba estoira.

Durante a objurgatória, deteve-se-lhe a vista num sujeito de aspecto menino, sentado, lá muito atrás, com o chapéu de palha muito caído para a testa, de olhos fitos nêle, e exprimindo singular interesse, e que, de subito, baixou a cabeça, fingindo se occupadissimo em embrulhar um cigarro.

Ou fôsse porque notasse na fisionomia do individuo uns vislumbres de simpatia pelas suas opiniões, que tanto escasseava nos outros ouvintes, ou por qualquer outro motivo, sir Tomás olhou e tornou a olhar, na direção em que se achava aquêle individuo especial.

— Ora vamos, Márney; supõe que tinhas figurado na número dos seus conhecidos — intrometeu o amigo Legrand. — e que tinhas concorrido aos seus jantares sem, contudo, privar intimamente com êle. Pretenderás sustentar que isso não influiria de modo nenhum nos teus sentimentos, e te não induziria a vir ao conhecimento, de que o sujeito era considerado, em geral, como um farçante?

— Longe de mim induzir a voltar-lhe as costas, ao vêr que os supostos amigos se iam retraindo, seria, até, o primeiro a patentear-lhe, que aquilo que em geral pensavam a seu respeito, não alterava, de modo nenhum, o meu modo de vêr.

E estivesse eu a bordo do meu iate, quando tedia aquela canzoada lhe ia agarrada aos calcanhares, e êle investisse para o rio e assomasse ao alcance de me ouvir, por Deus, tê-lo-fa içado para bordo, soltado a véla, e desafiado a malta a vir atrás dêle!

O amigo sorriu, com uma abanadela incrédula da cabeça, e trocaram-se olhares entre alguns dos circunstantes, mas tudo isto apenas levou sir Tomás a insistir com mais teimosia, na sua boa fé.

(Continúa.)

Versão do inglês por M. MACEDO.



— Dá-me, depressa, o nome de teu medico. Minha sogra adoeceu subitamente, e está mal.
— Nesse caso não caías em chamar o medico.
— Porque?
— Porque o malvado já uma vez salvou a minha.

O Rosquêdo

POB
Delfm Guimarães

Em segunda edição — caso rarissimo entre nós — acaba a acreditada Livraria Guimarães & C., da rua do Mundo, sob a gerencia do nosso activo e intelligente amigo Paulo Martins, de publicar o romance de Delfm Guimarães — ora em S. Thomé — *O Rosquêdo* — de que, quando da primeira edição — se fez grande elogio. Recordemos ao livro *Esboços de Critica* do assiduo colaborador d'esta revista e nosso amigo Henrique Marques Junior para algo dizermos sobre o mérito de semelhante obra, que constitue o 18.º volume da *Colecção Horas de Leitura*, propriedade da livraria supra-citada, e em que ha já nomes de reconhecido merito quer como auctores, quer como traductores.

Repetidas vezes me tem deliciado a leitura d'este bem tracejado romance, original de um escriptor de nome já feito como poeta, prosador e dramaturgo.....

«Delfm Guimarães, escrevendo *O Rosquêdo* n'um estylo primoroso, posto que simples e despreoccupado, apresenta-nos scenas minhotas de muita côr local, interessantissimas, concluindo o romance de uma fórma completamente moderna. Que não fôsse outro o merito da obra, o final d'ella, pelo imprevisito e pela novidade que nos traz, fugindo ao ramerrão dos já conhecidos, cançados e gastos fechos de romances, seria por si só uma prova para ajuizar seguramente do talento de seu auctor.

«Ha em todos os typos d'esse bem architectado romance um cunho especial que lhes dá realce. O titulo — *O Rosquêdo* — é explicito pela acção da novella, desenrolada n'um bello volume de tresentas e vinte paginas, nitidamente impressas...

«Eu podia muito bem dizer, ao meu amavel leitor e gentil leitora, qual o entredo do romance; mas para quê? A' uma, os editores não ficariam muito contentes com a minha indiscreção; e depois tambem era roubar aos leitores o grato prazer da leitura da novella que — diga-se em abono da verdade — é uma das mais bem escriptas que derradeiramente têm appareci lo a publico.

O Rosquêdo — scenas da vida de provincia — pôde enfileirar a par das obras dos melhores escriptores, sem que destoe d'ellas»

Grêmos que o sr. Marques Junior n'essa sua apreciação não fez mais do que o seu dever elogiando-o, pois que o livro é deveras interessante e vendavel e tanto que é esta — como acima dissemos — a segunda edição.

Agradecendo a offerta, julgamos prestar homenagem justa com a inserção d'estas linhas.

A caminho

Sob este titulo acaba o sr. Luiz Ramos de publicar uma bonita *plaguette* com tres mimosas composições poeticas, destinadas a um livro — *Interior* — e em que revela o seu valor de poeta sentimental e philosophico.

Intitulam-se: *A luz*, *A vida* e *A boca*.

Transcrevemos para aqui a terceira pela qual se pôde aquilatar do merecimento do sr. Luiz Ramos.

A boca é para tecer
os beijos que se hão de dar,
a boca é para dizer
o que ha no peito a ferver,
a boca é para cantar.

— Sustento do coração —
a boca é para tecer
os beijos que as bocas dão.

O' boca, fonte das vidas!
ó boca fonte do bem!
ó boca fonte das vidas!
De duas bocas unidas
a gente nasce tambem.

A boca é para cantar,
e anda cantando, resando
e anda cantando a chorar.

E cantar, é pôr na boca
— Alma sentida e chorada —
Asa, que do peito, louca,
Voa para a nossa boca
Em Alegria tornada.

Agradecemos cordealmente ao sr. Luiz Ramos a dupla offerta, cuja edição foi feita pela Livraria Brasileira, e que é um primor das officinas em que esta revista é impressa.

XIV-VI-CHII.

RUY D'ABOIM.



A Revolução Portuguesa — O 5 de Outubro, por Jorge de Abreu. Edição da Casa Alfredo David, encadernador, rua Serpa Pinto, 30 a 36, Lisboa, 1912. E' o quarto volume da *Biblioteca Historica*. *O 5 de Outubro* é o segundo volume da *Revolução Portuguesa*, cujo primeiro tem o subtítulo, *O 31 de Janeiro*, a que o OCCIDENTE se referiu no seu n.º 1194. No volume agora publicado continua a historia da Revolução que teve seu epilogo no 5 de Outubro de 1910.

E' cedo ainda, o autor não o nega, para entrar na justa apreciação dos factos desta revolução, entretanto os pormenores que neste livro se revelam, são altamente interessantes e fazem muita luz sobre o que o geral do publico ignorava de todos os preparos que precederam a revolução até seu triunfo.

E' livro para ser lido e prova o a extraordinaria procura que está tendo.

Este volume como o precedente é tambem illustrado com numerosas gravuras e encadernado em uma linda capa de percalina ao preço de 300 réis. Em brochura custa 200 réis.

A Terra Portuguesa (Portugal Pitoresco), *Aspetos da paisagem*. Edição de Alfredo David, encadernador, rua Serpa Pinto, 30 a 36, Lisboa. Decimo volume da *Biblioteca da Infancia*. Que lindo assunto o deste livro, descrevendo as belezas naturaes deste não menos lindo país, realçando as descrições, feitas pelos melhores auctores, desde Camões, Garrett e Byron até Ramalho Ortigão, Oliveira Martins e outros. E' como dizer um ramilhete de flôres, por melhor illustrado com gravuras dos logares mais pitorescos de Portugal. Livro de appetite que tanto serve para incutir ás creanças portuguezas o maior amor á sua terra, como para o geral do publico lhe serve de guia para visitar os pontos mais belos do seu país.

E' um belo livrinho e um guia elegante que apenas lhe custa 200 réis ou 300 réis se o quizer lindamente cartonado.

O Primeiro livro de inglês — Estudo racional dos principios da lingua inglesa, com a vantagem de corresponder ao programa oficial de 2.º e 3.º classes liceaes, por H. Brunswick, decano dos professores de linguas em Portugal. Livraria editora de Francisco Romero — Rua de S. Paulo, 192 a 194, Lisboa. Um vol. de 150 pags. in-8.º

A carencia de livros neste genero e muito especialmente para o estudo da lingua inglesa, torna este bastante util e aproveitavel, sendo o seu preço, 600 réis, ao alcance de todos os estudantes, mesmo os de mais modestos haveres.

Diccionario Universal Illustrado, Linguistico e Enciclopedico. Dirigido por Eduardo de Noronha. Editores, João Romano Torres & C., rua Alexandre Herculano, Lisboa. Recebemos o tomo 23.º que abrange os vocabulos compreendidos entre *Bagançarias* e *Baptista Senior*, mais de mil e quinhentos, com numerosas estampas, retratos, obras de arte, panoramas, etc. Esta obra, que ficará concluida em seis volumes, e dos quaes o segundo deve sahir breve, é a mais completa, artistica, escrupulosa e economica das suas congeneres nacionaes e estrangeiras. A meticolosa pontualidade na sua distribuição, a nitidez e cuidado na sua composição e impressão são garantias bastantes do que afirmamos.



Não são as traições femininas que nos obrigam a desconfiar das mulheres. São as nossas.

O MEZ METEOROLOGICO

Junho de 1912

Barometro — Max. altura 768^{mm}.9 em 24.
Min. altura 756^{mm}.4 em 11.

Temperatura — Max. altura 28° 2 em 17.
Min. altura 12° 3 em 2.

Foi este ano um dos mezes de junho menos quentes que se tem observado. Apenas, em dois anos, desde 1855, se observaram duas temperaturas máximas em junho, inferiores á de este ano: em 1855, 28° 0 e em 1883, 27° 5.

Chuva — 25^{mm}.9 em 8 dias.

Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 17 dias.

Ceu nublado 11 dias.

Ceu encoberto 2 dias.

Humidades extremas — 96 — 26.

Vento dominante — NNW.



Asilo da Infancia Desvalida em Oliveira de Azemeis

Na vila de Oliveira de Azemeis foi inaugurado, em 23 do mez findo, um novo edificio para o Asilo da Infancia Desvalida, cujo aspéto exterior se representa na gravura que acompanha esta noticia, assim como a acompanha tambem o retrato de Manuel de Miranda Castro, um dos fundadores e dos maiores bemfeitores deste asilo, já falecido.

O acto inaugural foi celebrado por uma sessão a que presidiu o juiz da comarca sr. dr. Zagallo, tendo por secretarios o sr. dr. Carrelhas e o paroco da freguezia rev. Serafim de Sá Couto.

A sessão principiou por ser lida a correspondencia em que se encontravam cartas dos srs. Bento Carqueja e dr. Amador Valente, lamentando não poderem assistir á sessão e felicitando os promotores da festa e o povo de Oliveira de Azemeis, por mais este grande beneficio prestado á vila. Do sr. dr. Antunes Guimarães, sobrinho do saudoso bemfeitor Miranda Castro, foi tambem lido um telegrama desejando todas as prosperidades ao Asilo, e outro do sr. Bispo Conde de Coimbra D. Manuel, felicitando a comissão e lamentando que a sua idade e estado de saude lhes não permitissem assistir áquele acto.



MANUEL DE MIRANDA CASTRO
UM DOS FUNDADORES DO ASYLO DA INFANCIA
DESVALIDA DE OLIVEIRA DE AZEMEIS



O NOVO EDIFICIO DO ASYLO DA INFANCIA DESVALIDA DE OLIVEIRA DE AZEMEIS

Da sr.^a D. Isabel Maria de Carvalho, agradecendo o convite que recebera e comunicando que resolvera crear um premio denominado, *Premio Pinto de Carvalho*, para ser conferido anualmente á educanda que prove melhor aproveitamento e comportamento, enviando uns brincos de ouro para serem entregues neste dia.

Os srs. dr. Daniel Ribeiro, dr. Artur Pinto Basto, D. Prior de Cedofeita, Antonio José Ferreira, rev. Oliveira de S. João da Madeira, Antonio Maria Kopke de Carvalho e esposa enviaram tambem agradecimentos.

Enviaram donativos os srs. Luis Carqueja e esposa, 10\$000 réis; Sebastião Alves Ferreira Leite, do Porto, 10\$000 réis; Joaquim Ferreira de Castro, de S. Tiago de Riba d'Ul, 5\$000 réis, por intermedio do sr. dr. Ferreira Alves.

Pronunciaram discursos adequados ao acto, o sr. Camilo Pacheco da Costa Ferreira, rendendo homenagem saudosa aos fundadores deste asilo já falecidos, e propondo para se nomear uma comissão revisora de contas; o sr. dr. Sá Couto, presidente da comissão administrativa, elogiando a memoria dos falecidos bemfeitores José Pinto de Carvalho, D. Maria Rosa de Jesus Carvalho, Miranda Castro, e a todos que tem contribuido para a benemerita obra de Camilo Pacheco. O sr. dr. Carrelhas fez varias considerações sobre o ensino e educação pratica a ministrar ás asiladas. O sr. dr. Beleza fez a largos traços a historia daquela instituição. O sr. Fernão de Lencastre, administrador do concelho, felicitou em seu nome e no de seu cunhado sr. Bento Carqueja, o sr. Camilo Pacheco, lembrando que se desse a cada asilada uma caderneta da Caixa Economica, com 1\$000 réis, como fundo de capital. Ainda falaram os srs. presidente da camara, Cunha e Silva, Couto e por fim o sr. dr. Sá Couto.

A sessão terminou pela entrega de uns brincos de ouro á asilada que melhores provas deu de aproveitamento e comportamento, conforme a intenção da instituidora do premio a que acima nos referimos. Esta entrega foi acompanhada pelo sr. juiz da comarca, com palavras de bom conselho ás asiladas e de incitamento ao estudo.

Por fim foi lavrada escritura de cedencia do novo edificio á Camara Municipal.

Assim terminou esta sessão, que foi ao mesmo tempo uma festa de altruismo altamente simpatica.



Para que dois casados sejam felizes, convém que o homem se faça mudo, e a mulher cega.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca



Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Onde todos devem comprar SAPATARIA PORTUGAL

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

CONTRA
A TOSSE

ARROPE PEITORAL
JAMES

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C.^a, Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substaneias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas, 200 réis
Cada lata " " " " 240 " "

A' venda em todas as pharmacias